



Eixo: Ética, Direitos humanos e Serviço Social.

Sub-eixo: Ética e ética profissional: fundamentos ontológicos e objetivações cotidianas.

## “QUESTÕES ÉTICAS NA ANÁLISE DO FILME: EU, DANIEL BLAKE”

Paulo de Tarso Hebling Meira<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma breve análise de questões éticas apresentadas no filme “Eu, Daniel Blake”, seus conflitos e os valores éticos que podem ser percebidos nesse longa metragem, com direção de Ken Loach e roteiro de Paul Laverty, vencedor da Palma de Ouro em Cannes, no ano de 2016.

**Palavras-chave:** Ética; Serviço Social; Gestão Pública; Neoliberalismo.

**Abstract:** A brief analysis of ethical issues presented in the film “I, Daniel Blake,” his conflicts and the ethical values that can be seen in this feature, directed by Ken Loach and screenplay by Paul Laverty, winner of the Palme d'Or at Cannes, year 2016.

**Keywords:** Ethic; Social Service; Public Administration; Neoliberalism.

### 1. INTRODUÇÃO

Para o encerramento do semestre da disciplina Ética e Serviço Social, do Programa de Estudos Pós Graduated em Serviço Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, ministrada pela Professora Doutora Maria Lucia Barroco, fomos convidados ao desenvolvimento de uma pesquisa com o objetivo de analisar o filme “Eu, Daniel Blake”, baseados na fundamentação ontológica (crítico-dialética) para a compreensão dos modos de ser ético morais, em sua constituição sócio-histórica e em suas formas particulares, na sociedade capitalista contemporânea e no Serviço Social. Em face das contradições e das exigências socioeconômicas e ideológicas que perpassam pelas motivações ético-morais na sociedade burguesa, a disciplina aborda os conflitos e dilemas ético-morais e o significado político das escolhas éticas, desvelando suas possibilidades e limites. Percorrendo a trajetória histórica da ética profissional, analisa as implicações éticas da intervenção profissional nesse contexto, visando à capacitação ético-política e à criação de estratégias de viabilização dos valores e princípios afirmados no Código de Ética Profissional, conforme ementa da disciplina Ética e Serviço Social (SOCIAL, 2018).

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: <paulodetarsomeira@gmail.com>.

Basicamente, para a análise desse longa metragem, estruturamos essa pesquisa em três grandes eixos:

1. Existe um conflito ético? Qual?;
2. Independentemente de conflitos, quais questões éticas estão apresentadas?; e
3. Quais são os valores éticos que podemos identificar?

## 2. “EU, DANIEL BLAKE”

Com direção de Ken Loach e roteiro de Paul Laverty, “Eu, Daniel Blake” conta a história de um carpinteiro que após sofrer um ataque cardíaco, passa a depender das ações do Estado e de sua burocrática para a concessão de benefícios (Russo, 2016).

O diretor vem de uma tradição contestadora. O humanismo de esquerda, moderno durante seu período áureo, foi posto fora de moda, em especial depois da revisão neoliberal imposta em seu próprio país por Margaret Thatcher e, no resto do mundo, por Ronald Reagan.

Entre os anos 1980 e 1990, o Muro de Berlim caiu, logo depois a União Soviética implodiu, o campo socialista derreteu. Muita gente entendia que o cinema social não tinha mais razão de ser porque com a hegemonia do capital os conflitos de classe já não faziam sentido. Loach pensava o contrário (Oricchio, 2017a).

Ken Loach, aos 80 anos, com uma extensa filmografia com fortes ideologias políticas contra o mundo capitalista em que vivemos, em seu discurso ao receber a Palma de Ouro, no Festival de Cannes em 2016, pela premiação deste filme, disse que *“quando existe desespero, as pessoas da direita ganham vantagem (...) outro mundo é possível, outro mundo é necessário”*, como relatou (Resende, 2016).

Em sua obra, Loach se notabilizou por dar voz e protagonismo aos sujeitos injustiçados, os pequenos cidadãos que sofrem, absorvem, reagem e influenciam os grandes eventos da história. Estranha que, ao comentar o próprio filme, tenha dito que “se os pobres não aceitassem que a pobreza é sua culpa, poderia haver um movimento para desafiar o sistema econômico”, nos alerta (Pichonelli, 2017).

Em relação ao desenvolvimento do capitalismo e sua crítica, o diretor em entrevista ao Jornal El País, (Guimón, 2017), afirma se tratar de um processo inevitável. As grandes corporações dominam a economia e isso cria uma grande leva de pessoas pobres. O Estado deve apoiá-las, mas não quer ou não tem recursos. Por isso cria a ilusão de que, se você é pobre, a culpa é sua. Porque você não preencheu seu currículo direito ou chegou tarde a uma entrevista. Montam um sistema burocrático que te pune por ser pobre. A humilhação é um elemento-chave na pobreza. Rouba a sua dignidade e a sua autoestima. E o Estado contribui para a humilhação com toda essa burocracia estúpida.

Em si, o filme possui a força de indignação que expressa o lamentável estado do mundo atual. (Oricchio, 2017b) nos lembra que os ingleses durante muito tempo se orgulharam do seu sistema de saúde e da sua seguridade social, porém verificam na atualidade uma situação ruim, herdada pelas reformas iniciadas a partir da década de 80.

Porém ressalta (Vital, 2017), que o filme também é pleno de situações que mostram muitas ajudas entre humanos, hostilidade “dos” não humanos e a frieza de desumanos que se travestiam de “agentes do Estado”, terceirizados, claro (e como lembrou um “a margem” no meio da rua, os policiais que vieram recolher a vítima que emergia naquele cenário como um possível vândalo também seriam terceirizados assim que interessasse à casta cega).

(Pichonelli, 2017) resgata um fator histórico importante, que é o fato de o filme ser anterior ao referendo Brexit<sup>2</sup>, e questiona: em que momento trabalhadores similares a Daniel Blake foram seduzidos, por respostas a esse colapso baseados em propostas extemporâneas como o nacionalismo, o ódio ao estrangeiro, o fechamento de entradas e saídas em um mundo de fluxos, velocidades, conexões, compartilhamentos e diversidade, tendo em vista a decisão popular de saída do Reino Unido do bloco comum da União Europeia.

Ainda segundo (Vital, 2017), trata-se da ferocidade do neoliberalismo que não colabora com ninguém (inocentes úteis são os profissionais liberais e a classe média que acredita que isso é um sistema de mérito e que lhes favorece. Nem diretamente nem indiretamente há favorecimento porque a represa de ódio, ressentimento e misérias que se forma neste sistema arrebenta e afeta a todos sem exceção. A história recente é abundante em casos que comprovam este argumento).

(Genro, 2017), resgata que no dia em que foi preso pelos fascistas, Antonio Gramsci, como Daniel Blake, não se submetia à contemplação do “nada” e tinha no bolso um bilhete endereçado à redação do “L’Unitá”, no qual afirmava “a necessidade de se habituar a pensar e a estudar também nas condições mais difíceis”. A situação que nós, da esquerda, vivemos hoje, recomenda atenção a este alerta do mais célebre prisioneiro do fascismo. Com a diferença que o nosso “pensar” e “estudar”, deve ser integrado aos movimentos de resistência concretos, contra as reformas em curso, porque quanto mais elas forem aplicadas integralmente, mais “insolidária” e insegura será a sociedade que vivemos e, em consequência, mais difícil será achar um caminho comum, que recupere o desejo da utopia e o gosto pela democracia.

---

<sup>2</sup> Em 23/06/2016 os britânicos foram às urnas para votar em um plebiscito que decidia se queriam que o Reino Unido permanecesse na União Europeia, ou abandonasse o bloco comum. Esse referendo ficou conhecido como Brexit. Nunca um país membro deixou a união política e econômica de 28 países – que, desde seu início, só tem se expandido. A saída britânica seria interpretada como um duro golpe ao projeto europeu, cujas origens remontam ao pós-Segunda Guerra Mundial. [Acessado em 19/06/2018] <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/06/brexit-entenda-o-que-o-referendo-do-dia-23-significa-para-o-futuro-da-europa.html>

### 3. ÉTICA

#### 3.1 Preparação do caminho

O homem é um ser histórico. Com o passar dos tempos e com a evolução da humanidade, os homens passaram a ter a obrigatoriedade de fazerem escolhas, sobretudo pelo fato de ser social, o que completa a sua rede de mediações – trata-se das categorias sociais ontológicas, no processo contínuo de construções sócio-históricas.

Fundamental na formulação desse processo é o trabalho, conforme (Marx, 1996, pg. 303) “o processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais.”

A diferença essencial entre o homem e os animais, é a sua capacidade teleológica, ou seja, a projeção ideal de suas finalidades e os meios para alcança-las, conscientemente, tendo como produto do trabalho a objetivação do sujeito.

Essas transformações abrem espaços para as escolhas, que é a gênese da liberdade. Segundo (Barroco, 2009), para Marx, “a liberdade não consiste na consciência da liberdade ou das escolhas, mas na existência de alternativas e na possibilidade concreta de escolhas entre elas.”

A liberdade, portanto, não é apenas um valor ou um estado de perfeição absoluta, mas uma capacidade historicamente desenvolvida inseparável da atividade que a objetiva, logo, para a compreensão do fundamento da ética, é necessário a compreensão do fundamento do próprio ser social – o homem, sendo que essa compressão passa pelo seu desenvolvimento, através do trabalho. Nele, no trabalho, está embutido uma relação de transformação da natureza pelo homem, como já dissemos anteriormente, revelando um processo de transformação mútua. Os sujeitos ao transformarem a natureza, se transformam com ela, adquirindo consciência enquanto sujeito-histórico, possibilitando (em maior ou menor campo) que o indivíduo se aproprie da riqueza humana. O trabalho é essencial como práxis social, atividade fundante para o atendimento das necessidades humanas.

Ao caminhar para o processo de satisfação de suas necessidades, o homem passa a criar novas necessidades, e a partir daí, passa a exigir as possibilidades do trabalho, tendo que ter conhecimento da alternativa criada, ou seja, possibilidades de escolha (gênese da

liberdade, diferente de um mero valor), bem como o “saber escolher”, que pressupõem a escolha dos valores, conforme o desenvolvimento da sociedade.

Nesse momento, podemos tratar a liberdade em dois sentidos, um negativo e outro positivo. (Barroco, 2009) nos fala que a liberdade negativa é estar *livre de algo*, ao passo que a liberdade positiva é estar *livre para algo*, ou seja, se de um lado temos movimentos para conquistar a superação dos impedimentos para a sua livre manifestação, que se configurem como ações que rompam com limites à liberdade e/ou construam alternativas de escolha, e de outro, ações voltadas à objetivação da liberdade, sua ampliação e sua defesa estratégica de viabilização. A ética, nesse sentido, é uma possibilidade consciente da conexão individual singular e as exigências sociais e humano-genéricas.

Porem, como retrata (Barroco, 2009), *“historicamente, existe uma discrepância entre o gênero humano e os indivíduos, tendo em vistas a sociedade fundada na divisão social do trabalho, na propriedade privada dos meios necessários à produção e na exploração do trabalho. Esse conjunto de determinações, historicamente articuladas em forma de produção particulares, dá origem ao fenômeno geral da alienação.”*

Quando a relação do homem com a natureza, o transformou em sujeito criador de algo que não existia, a transformação da natureza, transformou o homem, ao mesmo tempo em que a relação entre os homens, na sua individualização e subjetividade, de forma social e sociável, abriu espaços para ações planejadas de cooperação. Nesse caso, a práxis que propicia essas relações é positiva, se trata de uma práxis emancipadora. Agora, na sociedade com divisão de classes - divisão social do trabalho, propriedade privada dos meios necessários à produção e a exploração do trabalho, a práxis é perpassada pela alienação. Aí temos uma práxis negativa, onde as capacidades, as possibilidades e as riquezas, não são apropriadas pelos indivíduos.

A alienação também pode ser apresentada como a reificação (a coisificação), uma forma mais profunda, que alcança todas as dimensões sociais objetivas e subjetivas, e a manifestação concreta dessa alienação nas condições de produção mercantil, numa sociedade capitalista desenvolvida, que exprime tanto a coisificação dessas relações, como o caráter fantasmagórico dos objetos, nos quais esse processo se corporifica – é o fetiche.

Essa concretude do fetiche em relação à uma mercadoria, se apresenta como sendo o dinheiro, que demonstra o deslocamento das relações sociais pelo seu poder ilimitado. O dinheiro, nessas sociedades é talvez a expressão mais flagrante desse deslocamento.

Na contramão da alienação, a ética – parte da riqueza humana, é a busca da universalização da vivência do ser humano, com a combinação de certas capacidades, como possibilidade – uma busca constante e projetada, de sua emancipação, que se expressa através de lutas sociais.

Pois bem, se existe a capacidade humana desenvolvida pela práxis, com a possibilidade do ser social se objetivar como um ser ético, também existe especificidade na natureza do agir ético-moral.

De forma primitiva, podemos dizer que a ética é a organização de valores em comportamentos, com suas liberdades, práticas e escolhas, e a moral se traduz no conjunto de normas e valores, que passadas de geração para geração viram um costume para a organização da vida coletiva, um comunismo primitivo.

Quando um determinado indivíduo, para a superação de sua singularidade, admira uma obra de arte, momentaneamente ele sai de sua singularidade e se aproxima da sua dimensão humana, deixando de reproduzir simplesmente as normas existentes. Nesse caso deixa de ser moral e passa a ser uma práxis ética.

Já o moralismo é o julgamento de uma ação (situação social) moral sem que haja motivos morais para serem julgados. Esses motivos devem estar expressos através de uma consciência moral que parte do respeito ao outro e da responsabilidade.

Na sociedade burguesa a liberdade não é universal. Quando tratamos de valores universais como “liberdade, igualdade e fraternidade”, devemos compreender o sentido de abstração carregado no uso dessa expressão – valorizada necessariamente, mas que não se materializa por conta de seu uso ideológico, ou seja, somente será realizável em partes ou absolutamente irrealizável (Barroco, 2009, pg 72). Essa situação histórica evidencia a presença da alienação na objetivação da moral (normas coletivas).

Finalizando, podemos relembrar (Barroco, 2009), que nos diz que *“quando a ética se realiza como saber histórico, tendo por finalidade um conhecimento radical e totalizante, pode voltar-se para a crítica da moral cotidiana, para o desvelamento da alienação moral, os fundamentos e os significados dos valores, para apreensão das possibilidades de objetivação concreta das exigências humano-genéricas.”*

### **3.2 Conflitos Éticos**

O filme nos apresenta um conflito ético, na medida em que diversos personagens da história narrada, ao longo do roteiro apresentado, se veem cotidianamente, sendo ameaçados, oprimidos e tendo, sobretudo, a sua emancipação humana não garantida.

O personagem principal – Daniel, tem a sua trama revelada na luta insistente de conseguir uma reavaliação da negação de seu benefício social negado, ao mesmo tempo em que, ao buscar alternativas junto ao “sistema” que lhe é imposto, passa a desenvolver algumas exigências para a manutenção de seu seguro desemprego.

(Silva, 2018), nos chama a atenção para a profissão desse personagem, como sendo “um homem fora de seu tempo”, pelo fato de ser carpinteiro, uma ocupação que ainda carrega forte ligação com o trabalho concreto, ou seja, com o fato da extração da mais-valia ainda depender dos conhecimentos adquiridos pelo trabalhador, de sua experiência e habilidade, fazendo com ele detenha algum controle sobre o ritmo da produção e o maquinário manipulado.

Idoso, “analfabeto tecnológico”, dependente do seu trabalho, Daniel se vê em uma estrutura irracional do Estado – desnecessariamente burocrático, que sistematicamente impedem à garantia de seus direitos.

### **3.3 Questões Éticas**

Existem diversas questões éticas apresentadas neste longa metragem, que podem muito bem serem colocadas como “emancipadoras” e “alienantes”. Se, por um lado, um grupo de agentes representantes do Estado (como forte apelo para as relações repressivas de poder – Chefias hierarquizadas, seguranças, polícia, etc.), do mercado, ou mesmo da sociedade civil, apresentam como única forma de convívio a não emancipação humana, sempre colocando a responsabilização dos acontecimentos vividos, como sendo única e exclusivamente do indivíduo, não havendo respeito em relação às questões sociais, etárias, de gênero, trajetórias de vida, desproteções sociais, não havendo em nenhum momento a crítica a desestrutura do Estado na recepção de todas as demandas – “Você precisa se destacar na multidão”, diz enfaticamente um personagem que palestra sobre a forma correta de elaboração de Currículos – esta cena mostra de forma clara e cristalina a ideologia da formação continuada e o forte incentivo à concorrência e competitividade individual entre os trabalhadores.

Em relação às questões etárias e aos conflitos geracionais, o filme aponta a juventude “como preguiçosa e sem compromisso”, quando o personagem Daniel entrega um de seus currículos para um empregador. Por sua vez, a fala sobre a falta de compromisso e a preguiça da juventude nos soa tão próxima que parece que estamos em um jantar de família: é difícil mesmo para as gerações de trabalhadores mais velhos, sobretudo para aqueles que viveram o apogeu do Estado de Bem-Estar e o compromisso de classes, entender que a atual geração não “se compromete com o trabalho” porque sabe que ele não lhe assegura nenhuma perspectiva de futuro, nem a mais sorrata ascensão econômica, muito menos todas as promessas de consumo que lhe foram feitas, é o que nos ressalta brilhantemente (Silva, 2018).

Porém de outro lado, em diversas situações se apresentam personagens que buscam incansavelmente, dentro de um contexto social e de sociabilidade, a emancipação do outro, a busca pelo conhecimento e pela compreensão de suas trajetórias de vida. Podemos aqui, destacar a “solidariedade de classe”, por parte desses últimos, e a não compreensão política, a ausência de consciência de classe, que marca o comportamento dos outros atores, situados anteriormente, que buscam “poderes de punição” e enxergam os desprotegidos sociais como “inferiores” por necessitarem de apoio estatal.

O personagem principal “Daniel Blake”, bem como os coadjuvantes “Katie”, uma mulher que também atravessa diversas dificuldades, “Max Million”, o vizinho que se junta para a resolução das demandas, “Ann” uma funcionária do Estado que busca, mesmo que debaixo de proibições auxiliar “Blake” em sua jornada, “dois jovens” que auxiliam “Blake” no preenchimento dos formulários eletrônicos, etc.

Como coadjuvante, a personagem “Katie” carece de uma breve análise, por se tratar da representação do rebaixamento da mulher trabalhadora, que possui no abandono paternal de seus 2 filhos e o tema da prostituição como “mercado”, apenas dois recortes de gênero que perpassam a história. Para (Silva, 2018), *“a cena mais simbólica é a de sua filha Daisy, uma menina negra, desconstruindo a masculinidade tóxica de Dan (homem como provedor) e apresentando-lhe à solidariedade de classe de maneira a não deixar margem a outra interpretação: “você não nos ajudou? Então porque não podemos ajuda-lo?”, mostrando a Daniel (e a todos nós) que a “hierarquia” construída pelo patriarcado entre ele (homem branco idoso) e ela (menina negra) se dissolve na perspectiva de classe, especialmente na situação de “estamos todos nesse mesmo barco, furado e à deriva”.*

Nesse bloco de personagens, também podemos constatar ações para a superação dos impedimentos à liberdade ou a construção de alternativas, bem como movimentos voltados à sua objetivação, ampliação e defesa.

### **3.4 Valores Éticos**

Podemos perceber que muitos valores universais, na obra analisada, no contexto da sociedade burguesa, não se colocam como possíveis de realização.

A liberdade, o direito à alimentação, o trabalho, à proteção social, à educação dos filhos, à moradia, etc., se alinham como uma fala de “Daniel Blake”, o personagem central do filme, que em certa ocasião, depois de muitas idas e vindas, desabafa para uma funcionária do Governo, chamada “Ann”:

*“Esta é uma grande farsa, não é?”*



*Você senta aí, com esse nome amigável no peito, e do outro lado, um homem doente, procurando por empregos inexistentes, que nem poderia aceitar de qualquer forma. Perdendo o meu tempo, do empregador, o seu tempo... Só para me humilhar, fazer implorar. Ou será que o objetivo é tirar meu nome desses computadores? Não vou fazer mais isso. Para mim, chega!”*

Em uma atitude desesperada, como sendo a última alternativa a ser feita, o personagem principal “pixa” na parede externa do equipamento estatal – que não lhe dava, até o momento nenhuma atenção:

*“Eu Daniel Blake exijo a data do recurso<sup>3</sup> antes que morra de fome. E mudem a porcaria da música dos telefones<sup>4</sup>”*

#### **4. CONCLUSÃO**

Após o estudo do longa metragem “Eu, Daniel Blake”, tomando como linha de condução as questões éticas que o envolvem, tenho convicções que a obra de Ken Loach, é uma grande contribuição para a reflexão das situações éticas que nos são apresentadas cotidianamente. A reflexão nos leva à pensar em todas as escolhas que precisamos fazer ao longo da caminhada, a questão fundamental entre a utilização de valores universais e a imediata negação de sua prática – utilizada pela sociedade burguesa, a necessidade primeira de compreensão do homem através de seu próprio desenvolvimento e do trabalho, como elementos fundantes da ética, a grande possibilidade histórica de estarmos *livre de algo e para algo*, com uma prática que positivamente combata a negação da emancipação humana.

A personagem Katie, no funeral desabafa:

*“Chamam de funeral de pobre por que é o mais barato, às 9 da manhã. Danny não era pobre para nós. Ele nos deu coisas que o dinheiro não pode comprar. Quando morreu, achei isto com ele. Ele sempre escreveu com lápis. Ele queria ler isto no seu recurso, mas não teve chance. Eu juro para vocês que este amável homem tinha muito mais a oferecer. E o Estado o levou a uma morte precoce.*

<sup>3</sup> Ao longo do filme “Blake” tem a negativa de seus médicos para voltar a trabalhar, ao mesmo tempo em que tem seu auxílio doença negado pelo Estado e enormes dificuldades para se inserir no programa de seguro desemprego. Este recurso, se trata da solicitação da revisão da negação de seu auxílio doença.

<sup>4</sup> Referência às inúmeras horas que o personagem principal passou junto ao telefone, com atendimento de “call centers”.

*Eis o que ele escreveu: “Não sou um cliente, consumidor ou usuário dos serviços. Eu não sou um desistente, um fujão, um mendigo ou um ladrão. Não sou meu número do Seguro Social, ou um som em uma tela. Pago minhas obrigações, não sonego um centavo e tenho orgulho disto. Não me curvo à ninguém. Olho meus vizinhos nos olhos e ajudo-os se puder. Eu não aceito ou procuro caridade. Meu nome é Daniel Blake. Eu sou um homem, não um cão. Portanto, exijo meus direitos. Exijo que me tratem com respeito. Eu, Daniel Blake, sou um cidadão, nem mais e nem menos. Obrigado.”*

Para nos auxiliar na conclusão dessa análise, mais uma vez, recorremos à (Silva, 2018), que nos questiona se esse tipo de tratamento de cidadania “é tudo” o que os Estados Capitalistas tem a oferecer aos trabalhadores desprotegidos socialmente, o que podemos esperar do tratamento dispensado nas regiões periféricas do sistema? Ainda insiste em nos questionar: *“Como confiar na reedição de um modelo historicamente datado que, num país tido como exemplo de seu desenvolvimento, relega uma mulher, mãe de 2 filhos, à fome (a cena de Katie abrindo uma lata de molho no meio do banco de alimentos, no auge da “dor da fome”, é das mais doloridas de toda a trama) e à prostituição e à morte um senhor branco com 40 anos de “serviços prestados?”*

Nesse momento a reflexão fica acerca das ações éticas do Estado e sua dimensões históricas de negação da emancipação das pessoas. Será?

(Custódio, 2017) nesse sentido nos apresenta a seguinte colocação em relação ao Estado: *“um aparato burocrático impessoal e intransigente, o Estado aparece como aquele que poderia prover assistência; no entanto, é cheio de problemas, obstáculos e limitações. Mas, e essa é uma das coisas que o filme nos permite refletir, não podemos esquecer que esse é o Estado que, desde os anos 1970 com advento e desenvolvimento do neoliberalismo, vem sendo desmantelado em suas políticas de bem estar e assistência social e de oferecimento de serviços básicos. Um Estado que vem promovendo, na sua própria burocratização, o aprofundamento da situação de indignidade dos mais necessitados. Um Estado administrador das condições sociais que servem e atendem unicamente interesses de um grupo, as elites financeiras. E veja: não estamos aqui nem olhando para a classe de pessoas totalmente fora do mercado produtivo, aqueles das ruas, em situação de mendicância e perda total da inserção social. Os necessitados são os próprios trabalhadores precarizados, aqueles que com condição mais instáveis e inseguras, cada vez têm menos condições de fazerem o mínimo para subsistência.”*

Porém, como já apontamos anteriormente, em uma sociedade de divisão de classes - divisão social do trabalho, propriedade privada dos meios necessários à produção e a exploração do trabalho, a práxis é perpassada pela alienação.

Logo podemos apontar que não se trata do simples papel do Estado na responsabilização da morte do carpinteiro Daniel Blake. O que levou aquele senhor à óbito, foi o capitalismo, por meio de sua forma política consagrando, ademais, a liberdade e a igualdade do sujeito de direito.

Mais uma vez temos aqui, os conflitos entre a manifestação de valores universais e a *práxis* – valores que nem sempre serão vivenciados pelas pessoas. (Silva, 2018), conclui que: *“Daniel era livre para escolher entre pleitear ou não o seguro desemprego, se submeter ou não as suas condicionantes, como lhe lembrou a funcionária Sheila; também foi tratado exatamente como os demais usuários de todos os serviços públicos por onde passou, mentira: de fato, quando recebe a ajuda de Ann para preencher o formulário do seguro-desemprego, a situação representa “perigosa” exceção, que de pronto é interrompida pela chefe de Ann que nos lembra “não podemos criar precedentes”. Daniel não foi tratado como cachorro, mas sim como cidadão, ou melhor, como força de trabalho que, saindo da fábrica, emergiu na “sociedade civil”. Nada mais, nada menos.”*

## 5. REFERÊNCIAS

- BARROCO, M. L. S. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. 2ª Edição ed. São Paulo: [s.n.].
- CUSTÓDIO, T. **Daniel Blake é como nós: apenas mais um cidadão no neoliberalismo**. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/08/08/daniel-blake-e-como-nos-apenas-mais-um-cidadao-no-neoliberalismo/>>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- GENRO, T. **Daniel Blake encontra Antonio Gramsci**. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/colunas/tarso-genro/2017/03/daniel-blake-encontra-antonio-gramsci/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- GUIMÓN, P. **Ken Loach: “O Estado cria a ilusão de que, se você é pobre, a culpa é sua”**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/563719-ken-loach-o-estado-cria-a-ilusao-de-que-se-voce-e-pobre-a-culpa-e-sua>>. Acesso em: 14 jun. 2018.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política. vol. 1 (Prefácios e capítulos I a XII)**. São Paulo: [s.n.].
- ORICCHIO, L. Z. **A voz dos mais fracos: o cinema político de Ken Loach**. Disponível em: <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,a-voz-dos-mais-fracos-o-cinema-politico-de-ken-loach,10000098658>>. Acesso em: 17 jun. 2018a.
- \_\_\_\_\_. **Análise: Em um mundo materialista, “Eu, Daniel Blake” fala em dignidade**. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,analise-em-um-mundo-materialista-eu-daniel-blake-fala-em-dignidade,10000098131>>. Acesso em: 14 jun. 2018b.
- PICHONELLI, M. **“Eu, Daniel Blake”: o grito de Ken Loach não previu o Brexit**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/201ceu-daniel-blake201d-o-grito-de-ken-loach-nao-previu-o-brexit>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

RESENDE, T. **Cannes 2016: Vencedores.** Disponível em: <<https://www.cinema7arte.com/?p=17386>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

RUSSO, F. **Adoro Cinema.** Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-241697/creditos/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SILVA, J. L. **Uma proposta de leitura marxista do filme “Eu, Daniel Blake”.** Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/04/17/uma-proposta-de-leitura-marxista-do-filme-eu-daniel-blake/>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SOCIAL, P. D. E. P.-G. E. S. **Ementário das Disciplinas do 1º Semestre de 2018.** Disponível em: <[http://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/EMENTAS 1.2018.pdf](http://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/EMENTAS%201.2018.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2018.

VITAL, C. **Ken Loach, Jesus Cristo e o Neoliberalismo.** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566525-ken-loach-jesus-cristo-e-o-neoliberalismo>>. Acesso em: 12 jun. 2018.